OS NÃO DITOS DA HOMOAFETIVIDADE NO CONTO “AQUELES DOIS”, DE CAIO FERNANDO ABREU

Pedro Henrique da Silva
Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Marechal Deodoro, Alagoas, Brasil.
pedrohenriquesil2004@gmail.com
Wander Daniel Alexandre Pereira
Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Marechal Deodoro, Alagoas, Brasil.
wanderdaniel2020@gmail.com
Diogo dos Santos Souza
Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Marechal Deodoro, Alagoas, Brasil.
diogo.souza@ifal.edu.br
Fernanda Lays da Silva Santos
Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Marechal Deodoro, Alagoas, Brasil.
fernanda.santos@ifal.edu.br

Resumo

O presente estudo interpreta os discursos do não dito sobre a homoafetividade no conto "Aqueles dois", de Caio Fernando Abreu. A história, permeada de silêncios e insinuações sobre as preferências sexuais das duas personagens, leva o/a leitor/a a refletir sobre como a literatura pode evidenciar vivências LGBTQIAPN+ numa época em que a homossexualidade era mantida invisível ou vista como proibida. A ideia central é analisar como a homoafetividade é construída no texto de maneira sutil, usando artifícios narrativos que evitam o óbvio, mas destacam as tensões sociais e emocionais. Logo, tem-se como objetivo entender o papel do silêncio como uma forma de luta, compreendendo-a não como confronto direto, mas como sofisticada estratégia de resistência. Em uma sociedade que impunha a invisibilidade, o não dito tornava-se um código, um espaço de cumplicidade e a única forma possível de afirmar a existência. Em seguida, busca-se conectar a obra ao seu tempo histórico e cultural, estudando a literatura como um lugar de aceitação de identidades. A pesquisa é qualitativa, com análise literária fundamentada nos estudos sobre o contexto histórico de João Silvério Trevisan (2018), na análise do silêncio de Marcelo Secron Bessa (2004), nos códigos de afeto de Denilson Lopes (2002) e nos conceitos de espaço de Larissa Pelúcio (2009). A análise contribui para a leitura crítica sobre a homoafetividade, mostrando como o conto se torna um lugar simbólico de pertencimento e fortalecendo a relevância de Caio Fernando Abreu na legitimação das subjetividades dissidentes.

Palavras-Chave: Homoafetividade. Visibilidade. Literatura Brasileira. Caio Fernando Abreu. LGBTQIAPN+.

1. INTRODUÇÃO

A literatura, compreendida como um sismógrafo social, possui a capacidade de registrar não apenas os fatos visíveis de uma época, mas, sobretudo, as tensões subjacentes e os silenciamentos impostos pelas estruturas de poder. No cenário brasileiro da segunda metade do século XX, marcado pela transição lenta e gradual de um regime ditatorial para uma democracia incipiente, a produção literária desempenhou um papel crucial na disputa pelas narrativas de memória e identidade. É nesse contexto de "vozes sufocadas" e de vigência da heteronormatividade compulsória que se insere a obra de Caio Fernando Abreu (1948-1996), autor cuja escrita emerge como um ato de transgressão estética e política.

O presente artigo debruça-se sobre o conto "Aqueles dois", publicado originalmente em 1982 na coletânea *Morangos Mofados*. A narrativa, que retrata a construção de um laço homoafetivo entre dois funcionários de uma repartição pública hostil, é analisada aqui sob a perspectiva do "não dito". O problema de pesquisa que orienta esta investigação consiste em compreender de que maneira o silêncio opera na obra não como uma lacuna comunicacional, mas como uma complexa estratégia discursiva de resistência e sobrevivência diante da repressão moral e política.

O objetivo geral deste estudo é analisar a formação da homoafetividade nas entrelinhas do texto, demonstrando como os protagonistas, Raul e Saul, utilizam códigos implícitos para subverter a invisibilidade imposta. Os objetivos específicos visam: situar a obra no panorama histórico da repressão e do estigma social; investigar, à luz da teoria social, os mecanismos de vigilância e controle dos corpos no ambiente de trabalho; examinar a "estética da amizade" e o uso da cultura de massa (*kitsch*) como refúgios subjetivos; e interpretar o desfecho da narrativa como uma ruptura política com a lógica do "armário".

A justificativa para tal empreendimento reside na relevância contemporânea de revisitar o cânone literário sob a ótica dos estudos de gênero e da teoria *queer*, especialmente para entender como a literatura brasileira articulou a visibilidade LGBTQIAPN+ em períodos de censura. Ademais, a pesquisa contribui para o campo acadêmico ao propor uma leitura interdisciplinar que conecta a crítica literária à sociologia e à história.

Metodologicamente, o trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e interpretativo. A análise do *corpus* literário é sustentada por um arcabouço teórico robusto. O contexto histórico da repressão e a arqueologia da homossexualidade no Brasil são discutidos a partir de João Silvério Trevisan. A função narrativa do silêncio é abordada através de Marcelo Secron Bessa (2004), enquanto os códigos de afeto e a amizade são lidos via Denilson Lopes (2002).

Para aprofundar a análise das relações de poder e da gestão da identidade, o estudo mobiliza os conceitos de "microfísica do poder" e "corpos dóceis" de Michel Foucault (2014), bem como a teoria do estigma de Erving Goffman (1988). Por fim, as dinâmicas espaciais, a tensão entre o público e o privado e a metáfora do "armário" são examinadas sob a égide das reflexões da antropóloga Larissa Pelúcio (2009).

2. O SILÊNCIO HISTÓRICO: REPRESSÃO, MOFO E A NECESSIDADE DE NÃO DIZER

Para decodificar a profundidade do que Abreu deixa implícito, é fundamental mergulhar no panorama histórico-social brasileiro. João Silvério Trevisan, em sua obra seminal Devassos no Paraíso (2018), oferece uma arqueologia da homossexualidade no Brasil, demonstrando como a sociedade foi edificada sobre pilares de uma moralidade punitiva que sistematicamente relegou as relações homoeróticas à tríade do pecado, crime e patologia.

O conto integra a obra Morangos Mofados (1982), um título que por si só já é uma metáfora do *zeitgeist* do fim da Ditadura Civil-Militar. O "mofo" representa o que restou de uma geração asfixiada pelo autoritarismo: sonhos deteriorados, idealismos perdidos e uma subjetividade que precisou se esconder para sobreviver. O regime militar (1964-1985) não reprimia apenas a oposição política direta; ele operava um controle muito mais capilar e profundo através de órgãos como a Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP). Esse aparato estatal patrulhava os corpos, os costumes e os afetos, instaurando um projeto de nação onde o "cidadão de bem" era necessariamente heterossexual e conservador.

Nesse contexto, a homossexualidade era vista não apenas como imoralidade, mas como uma "subversão" aos valores nacionais e uma afronta direta à ordem estabelecida. O cenário do conto, uma repartição pública descrita como um "deserto de almas", reflete essa vigilância constante, onde a simples existência de um afeto desviante precisava ser extirpada em nome da moralidade vigente. O silêncio de Raul e Saul não é apenas timidez; é uma estratégia de sobrevivência e uma resposta ao trauma coletivo de uma época em que falar demais poderia significar o desaparecimento físico ou social. A demissão dos protagonistas, motivada por cartas anônimas assinadas por um "Atento Guardião da Moral", que classificava a relação como "comportamento doentio" e "psicologia deformada", exemplifica como a intimidade era vigiada e punida. O "não dito" em Abreu é, portanto, um documento histórico: ele registra o medo de uma comunidade que, sob a égide do AI-5 e da repressão moral, aprendeu a amar nas sombras, transformando o silêncio em seu único escudo possível.

2.1 A Linguagem do Silêncio: O Não Dito como Estratégia Narrativa

Para que o afeto de Raul e Saul ganhe relevância política, Abreu constrói um cenário de contraste absoluto. A repartição pública onde trabalham não é apenas um local de ofício; ela é descrita metaforicamente como um "deserto de almas", um espaço de morte em vida habitado por figuras que encarnam a moralidade repressiva e hipócrita da época. O narrador utiliza a ironia para denunciar a mediocridade do mal que permeia o ambiente:

> "Havia o dr. Alceu, que tinha uma amante e falava nela o dia inteiro; [...] a secretária gorda que roía as unhas e trazia sanduíches de mortadela na bolsa; o contínuo que lia histórias em quadrinhos e arrotava no corredor." (ABREU, [1982], p. 3).

Essa passagem é crucial para a análise crítica. Ao destacar a "amante" do Dr. Alceu ou os "arrotos" do contínuo, o autor expõe a hipocrisia da heteronormatividade. O comportamento heterossexual, mesmo quando vulgar ou moralmente questionável (o adultério), é tolerado e integrado à rotina. Já a conexão de Raul e Saul, que é sublime, culta e silenciosa, é o que incomoda. A perseguição dos colegas, que culmina nas denúncias anônimas, reflete o mecanismo da homofobia social: ela não precisa de fatos concretos (pois o ato sexual nunca ocorre na repartição), ela se alimenta da suspeita sobre a *diferença*. Como aponta o narrador: *"Eles não sabiam de nada, mas desconfiavam de tudo"*.

Nesse sentido, percebe-se que a sexualidade desviante é, muitas vezes, imposta pelo olhar do outro, nascendo do desejo deste de controlar e de se afirmar superior diante daquilo que é diferente.

2.2 A Microfísica do Poder: Corpos Dóceis e Corpos Desviantes

A hostilidade da repartição pública em "Aqueles dois" pode ser lida sob a luz das teorias de Michel Foucault sobre a disciplina e a vigilância. Em “Vigiar e Punir” (1975), Foucault descreve como as instituições modernas operam para criar "corpos dóceis", sujeitos produtivos, obedientes e padronizados. A repartição no conto funciona como um dispositivo panóptico: um local onde todos vigiam a todos, garantindo a manutenção da norma.

Os colegas de trabalho, ao patrulhar o comportamento de Raul e Saul, atuam como agentes dessa microfísica do poder, um poder que não é exercido apenas por uma autoridade central, mas que se espalha capilarmente nas pequenas relações cotidianas, nos olhares e nos julgamentos entre pares. O incômodo que a dupla gera não advém de uma ineficiência laboral, mas de uma insubmissão corporal e afetiva. Enquanto os outros funcionários seguem a mecanicidade burocrática (carimbar, arquivar, fofocar), Raul e Saul introduzem pausas, silêncios e trocas de olhares que rompem com a lógica produtivista e heteronormativa. Essa ruptura é visível nos momentos em que se cruzam junto à garrafa térmica para um café silencioso ou quando compartilham referências culturais, como os filmes e as músicas que trocam longe dos olhares vigilantes.

O corpo, na narrativa de Abreu, torna-se o campo de batalha entre a solidão imposta e a amizade redentora. A recusa em participar das conversas vulgares sobre amantes ou futebol é lida como arrogância, quando, na verdade, é uma preservação da subjetividade. No conto, essa resistência pelo afeto ganha forma física quando, abraçados, sentem o cheiro um do outro ("flor murcha" e "colônia de barba"), criando um espaço íntimo impenetrável pela esterilidade da repartição. Foucault nos ajuda a entender que a denúncia anônima o instrumento que leva à demissão dos dois é a ferramenta suprema do poder disciplinar: ela é invisível, onipresente e pune o "desvio" para restaurar a ordem homogênea. A expulsão dos protagonistas é, portanto, a tentativa do sistema de eliminar o "corpo estranho" que ameaça a esterilidade daquele ambiente.

2.3 Os Códigos do Afeto: Metáforas e Presentes como Linguagem

Diante da impossibilidade da declaração verbal explícita, a relação se desenvolve através do que Denilson Lopes (2002) chama de "estética da amizade". Segundo o autor, essa estética desloca o desejo do ato sexual imediato para uma partilha de sensibilidades, onde objetos culturais funcionam como metáforas vivas do afeto. Ouvir música juntos ou trocar referências cinematográficas torna-se, assim, uma forma de intimidade tão ou mais profunda que o contato físico, permitindo que sujeitos marginalizados construam territórios de afeto à margem da norma. O exemplo mais pungente dessa dinâmica é o presente que Raul oferece a Saul: uma reprodução do quadro A Igreja de Auvers, de Van Gogh.

> "Era uma reprodução em cores, sem moldura, da Igreja de Auvers, de Van Gogh. O azul do céu era tão profundo e a igreja tão desamparada e torta que Saul sentiu os olhos arderem." (ABREU, [1982], p. 6).

Ao presentear Saul com Van Gogh, Raul entrega um código de identificação. A igreja "desamparada e torta" reflete a própria condição dos personagens: deslocados e "tortos" aos olhos da norma, mas vibrantes e profundos internamente. A metáfora visual diz o que eles não podem articular. Da mesma forma, a referência recorrente ao "sabiá" e à música opera como metáfora de uma voz que insiste em existir. Se a repartição tenta calar, a arte permite que eles cantem, subvertendo a masculinidade hegemônica rude através da delicadeza e da ternura.

O clímax dessa comunicação não verbal ocorre no abraço final, onde "as palavras que disseram não foram importantes" (ABREU, [1982], p. 8). Conforme teoriza Marcelo Secron Bessa (2004) em seus estudos sobre o silêncio na narrativa, o "não dito" aqui não é vazio, mas plenitude de sentido: o toque substitui o verbo, protegendo a autenticidade do afeto contra as categorizações vulgares do mundo externo.

2.4 Estigma e Performance: A Gestão da Identidade Deteriorada

A tensão psicológica vivenciada por Raul e Saul na repartição pode ser compreendida através da sociologia de Erving Goffman, especificamente em sua obra Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada (1988). Goffman analisa como indivíduos que possuem atributos depreciativos aos olhos da sociedade precisam gerenciar constantemente a informação sobre si mesmos para evitar a exclusão.

No conto, Raul e Saul enquadram-se na categoria de "desacreditável": aqueles cujo estigma (a homossexualidade) não é imediatamente visível, mas que vivem sob a constante ameaça da revelação. A repartição pública torna-se um palco onde eles são obrigados a atuar, usando uma "máscara" de normalidade para sustentar o que Goffman chama de "identidade social virtual". Essa necessidade de controle da informação é evidenciada logo no início da interação dos dois, quando o narrador descreve a cautela excessiva:

> "Disseram prazer, Raul, prazer, Saul [...] Mas discretos, porque eram novos na firma e a gente, afinal, nunca sabe onde está pisando." (ABREU, [1982], p. 2)

Essa passagem ilustra precisamente a tensão do indivíduo estigmatizado descrita por Goffman: a "discrição" não é uma escolha de personalidade, mas uma estratégia de sobrevivência em um terreno hostil ("nunca se sabe onde está pisando"). Essa performance gera uma exaustão psíquica. O silêncio deles é uma tática de controle para evitar a passagem para a condição de "desacreditados". A fofoca e as cartas anônimas representam a queda dessa máscara, reduzindo a humanidade complexa dos personagens apenas à "falha" moral apontada pelos colegas e resultando na expulsão do grupo social.

2.5 A Geografia do Silêncio e a Ruptura do Armário

A tensão narrativa deságua inevitavelmente na disputa pelo espaço. A antropóloga Larissa Pelúcio (2009), nos seus estudos sobre sociabilidade, auxilia a compreender a dinâmica do "armário" não apenas como um segredo, mas como uma imposição do espaço público. A repartição é o lugar da norma, que exige a invisibilidade das dissidências; a invasão da privacidade de Raul e Saul pela carta anônima representa a violência desse sistema que não tolera a opacidade do desejo alheio.

A brutalidade dessa invasão é exposta na linguagem utilizada pelo delator anônimo, que converte o afeto sutil construído ao longo da trama em patologia:

> "Pálidos, ouviram expressões como 'relação anormal e ostensiva', 'desavergonhada aberração', 'comportamento doentio', 'psicologia deformada', sempre assinadas por Um Atento Guardião da Moral." (ABREU, [1982], p. 9)

Em contrapartida, a quitinete de Raul e o quarto de pensão de Saul funcionam como "heterotopias", espaços outros, refúgios precários onde a linguagem codificada do afeto pode florescer. Contudo, a expulsão final do ambiente de trabalho subverte a lógica da derrota.

Ao analisarmos a cena do desfecho à luz das reflexões de Pelúcio e da teoria queer, o ato de deixar o prédio ganha contornos de manifesto político:

> "Mas quando saíram pela porta daquele prédio grande e antigo [...] estavam ainda mais altos e mais altivos. [...] Depois apanharam o mesmo táxi, Raul abrindo a porta para que Saul entrasse." (ABREU, [1982], p. 9-10)

Este é o momento da ruptura definitiva com o armário. Ao performar um gesto de cavalheirismo, cuidado e parceria (abrir a porta do táxi) em plena luz do dia, sob o escrutínio dos colegas na janela, eles recusam a vergonha. Transformam o "não dito" do relacionamento num ato público e visível. O silêncio, que durante toda a narrativa foi uma estratégia de defesa e medo, transmuta-se, na cena final, numa afirmação ensurdecedora de dignidade e existência.

3. A RETÓRICA DO SILÊNCIO: DO INDIZÍVEL À TENSÃO NARRATIVA

O primeiro resultado observável na análise literária é que o silêncio em "Aqueles dois" opera como um mecanismo de proteção e, paradoxalmente, de revelação. Ao contrário da literatura engajada panfletária, que denunciava a ditadura aos gritos, Abreu utilizava o sussurro. A discussão sugere que essa escolha estética mimetiza a condição social dos sujeitos homoafetivos da década de 1980: eles precisavam dominar a arte de "dizer sem dizer".

Observa-se que a tensão narrativa não deriva de grandes eventos externos, mas do acúmulo de pequenos silêncios. Quando Raul e Saul trocam olhares ou compartilham músicas, o texto cria uma "bolha" de intimidade que colide violentamente com o barulho vulgar da repartição. O resultado dessa estratégia é que o leitor é forçado a se tornar cúmplice dos protagonistas. Para entender o conto, o leitor precisa entrar nas lacunas que os colegas de trabalho ignoram ou deturpam.

Portanto, discute-se que o silêncio no conto não é passividade. É uma retórica de resistência. Em um ambiente onde a linguagem oficial é a da burocracia, da mentira (a amante do chefe) e da delação (a carta anônima), calar-se e apenas sentir torna-se o ato mais honesto e subversivo possível.

3.1 A Inversão da Patologia: O Afeto como Cura em um Meio Doente

A análise dos elementos metafóricos do conto (o "deserto de almas", o "mofo", a doença da mãe de Raul) revela um resultado surpreendente: a inversão da lógica da patologia.

Historicamente, e sob a ótica conservadora da época, a homossexualidade[1] era vista como doença e a heteronormatividade como saúde. No entanto, a discussão literária de "Aqueles dois" demonstra que Abreu inverte essa equação. O ambiente "normal" da repartição é apresentado como doente, estéril e tóxico. Os colegas "normais" são mesquinhos, infelizes e cruéis. Em contrapartida, a relação entre Raul e Saul, que era considerada "doente" pela sociedade, é o único espaço de saúde, cuidado e vitalidade na narrativa.

Os momentos em que eles compartilham café, cigarros ou cuidam da solidão um do outro (como na cena em que Raul consola Saul) representam a cura humanista em meio à desumanização institucional. O resultado dessa discussão aponta que a verdadeira "aberração" no conto não é o amor entre dois homens, mas a sociedade que é incapaz de valorizar a ternura. O conto, portanto, diagnostica a sociedade brasileira da ditadura como a verdadeira paciente terminal, enquanto o afeto marginalizado surge como a única possibilidade de vida.

3.2 A Altivez como resposta política: o corpo que não se curva

O desfecho do conto oferece a imagem mais poderosa dessa resistência. Ao serem demitidos, sob os olhares curiosos e condenatórios dos colegas, Raul e Saul não saem cabisbaixos ou derrotados. Pelo contrário, o narrador descreve uma postura de triunfo silencioso diante da arquitetura opressora da repartição:

> "Mas quando saíram pela porta daquele prédio grande e antigo, parecido com uma clínica ou uma penitenciária, vistos de cima pelos colegas todos postos na janela, a camisa branca de um, a azul do outro, estavam ainda mais altos e mais altivos." (ABREU, [1982], p. 9)

A descrição visual é fundamental para a compreensão da tese defendida. A "altivez" mencionada não é arrogância, mas a recuperação da dignidade que a instituição tentou roubar Essa atitude é interpretada aqui como uma reivindicação de cidadania que transcende a legalidade burocrática. Não se trata da cidadania garantida por leis, que naquele momento histórico falhavam em protegê-los, mas da afirmação do direito inalienável de ocupar o espaço público sendo quem se é. Ao recusarem a vergonha e caminharem de cabeça erguida, eles subvertem a expectativa do estigma, que aguardava a humilhação. Eles inauguram,

[1] No momento de produção do conto, a homossexualidade, nomeada patologicamente como "homossexualismo" ainda era vista pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como um transtorno mental. A sua retirada da Classificação Internacional de Doenças (CID) ocorreu em 17 de maio de 1990.

naquele gesto, uma cidadania do afeto, onde a legitimidade da existência não vem da aprovação social, mas da verdade da relação construída.

Em suma, o conto sugere que a sobrevivência do afeto em tempos sombrios é a maior vitória possível. A verdadeira resistência em "Aqueles dois" não se dá pelo confronto violento, mas pela insistência em permanecer humano em um sistema desumanizante.

Em um mundo que conspira para torná-los invisíveis, doentes ou culpados, o ato final de sair "altos e altivos", cuidando um do outro à luz do dia, constitui o gesto político definitivo de insubmissão e liberdade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso analítico traçado neste estudo permite concluir que o conto “Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu, transcende a dimensão de uma narrativa intimista para se consolidar como um documento estético e político de resistência. A investigação demonstrou que, sob a superfície de uma história sobre a solidão de dois funcionários públicos, opera uma complexa tessitura crítica sobre a repressão, a vigilância e a gestão da identidade estigmatizada no Brasil do final da Ditadura Civil-Militar.

Ficou evidente, através do diálogo com os teóricos mobilizados, que o silêncio adotado por Raul e Saul não configura uma ausência de comunicação, mas uma sofisticada estratégia de sobrevivência. Em um ambiente caracterizado pela "microfísica do poder" e pela vigilância panorâmica da repartição, onde a diferença era tratada como patologia e crime, o "não dito" funcionou como um refúgio. A análise confirmou que os protagonistas, cientes de sua condição de "desacreditável" (Goffman), construíram uma linguagem alternativa baseada em códigos afetivos, na música popular e na arte, transformando a cultura de massa e o *kitsch* em ferramentas de conexão humana em meio à barbárie burocrática.

Conclui-se, ainda, que a obra opera uma inversão fundamental dos valores morais da época. Ao retratar a sociedade "normal" como hipócrita, cruel e medíocre, e o par homoafetivo como portador da sensibilidade e do cuidado, Abreu desafia a patologização das sexualidades dissidentes. A "doença" não reside no desejo de Raul e Saul, mas na incapacidade da estrutura social o "deserto de almas" em acolher a alteridade

Por fim, este estudo reitera que o desfecho da narrativa constitui um ato político de ruptura com o "armário". A demissão, longe de ser uma derrota, simboliza a libertação das amarras institucionais que exigiam o fingimento. A imagem final das personagens ocupando o

espaço público juntos, com altivez, aponta para a transição da vergonha para a dignidade. Assim, a literatura de Caio Fernando Abreu cumpre sua função primordial: atuar como um registro da memória dos vencidos, provando que, mesmo nos tempos mais sombrios de repressão e mofo, o afeto permanece como a última e mais poderosa fronteira de insubmissão.

REFERÊNCIA

ABREU, Caio Fernando. Aqueles dois. In: **morangos mofados**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (Publicado originalmente em 1982).

AMARAL, Rosana Carvalho Bastos; LIMA, Deyvison Rodrigues. Judith Butler sobre o gênero: As performances e os corpos estranhos.**Kínesis-Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**, v. 14, n. 36, p. 444-463, 2022.

BESSA, Marcelo Secron. **O Silêncio e a Prosa Ficcional no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

BROWN, Jacob. A arte como refúgio: intertextualidade, espaço e (imagi)nação em “Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 60, p. e6010, 2020.

DE DEUS, Marina Silveira; LACHAT, Marcelo. A linguagem como (des) construção do sujeito: uma análise sobre intolerância e repressão nos contos "Terça-feira gorda" e "Aqueles dois", de Caio Fernando Abreu. **Literatura e Autoritarismo**, n. 39, p. 99-110, 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOMES, Francisco Alves. Dialogias do desejo no conto “Aqueles Dois”, de Caio Fernando Abreu. **Revista Sentidos da Cultura**, v. 10, n. 19, p. 53-63, 2023.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Impressões de viagem**: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

LOPES, Denilson. **O Homem que Amava Rapazes e Outros Ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NODARI, Natália Rosa. **Entre a Teoria e a Literatura Queer**: um estudo em contos brasileiros contemporâneos. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Portugueses) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2019.

PELÚCIO, Larissa. **O Prazer, o Preconceito e o Armário**: Deslocamentos da Homossexualidade na Cultura Brasileira Atual. São Paulo: Annablume, 2009.

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre**: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SONTAG, Susan. Notas sobre o "Camp". In: _____. **Contra a interpretação**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

XAVIER, João Lúcio; PEREIRA, Carolina Carvalho Andrade. Aqueles Dois: a (des) construção do ethos homossexual em Caio Fernando Abreu. **Revele: Revista Virtual dos Estudantes de Letras**, v. 4, p. 1-21, 2012.